

PROPOSTA DE ANÁLISE PARA O AUXILIAR *CHEGAR* EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

An Analysis on the Auxiliary Verb Chegar in Brazilian Portuguese

Roberlei Alves Bertucci*

1. INTRODUÇÃO

A literatura a respeito da perífrase *chegar* *a*+infinitivo em PB apresenta-se um tanto confusa. Autores como Almeida (1980) e Neves (2000) aceitam que *chegar*, em tal contexto, seja mesmo um auxiliar, enquanto outros – Travaglia (1985) ou Luft (2003) –, não. Por outro lado, entre os autores que o consideram um auxiliar em casos como (1), parece haver uma concordância quanto ao papel de *chegar*: indicar um resultado (uma consequência).

(1) Maria *chegou* a gritar.

Dessa forma, o que fizemos em Bertucci (2007) foi (i) buscar critérios que verificassem se *chegar* pode ser considerado um auxiliar quando seguido de infinitivo e (ii) analisar o papel de tal verbo na perífrase.

* Universidade de São Paulo/CAPES.

Agradeço a Maria José Foltran, Lígia Negri, Luiz Arthur Pagani, Márcia Cançado e Teresa Cristina Wachowicz pelos comentários e sugestões nas primeiras versões deste trabalho, bem como aos participantes do 55.º Seminário do GEL, realizado em Franca/SP, de 26 a 28 de julho de 2007 e do encontro *Nos domínios do verbo*, realizado na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba/PR, 23 e 24 de agosto de 2007 pelas discussões sobre o tema. Agradeço também à CAPES pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

Com relação ao primeiro ponto, nossos testes mostraram que *chegar* pode ser classificado como verbo auxiliar em PB, conforme o fazem Almeida (1980) e Neves (2000). Por outro lado, ao contrário do que esses autores sugerem, esse auxiliar não pode ser incluído no quadro dos auxiliares terminativos (ou resultativos), como *terminar* e *acabar*.

Quanto ao papel de *chegar*, baseados na proposta de Fauconnier (1975) sobre escalaridade, defendemos que esse verbo aponta para o grau mais informativo de uma escala que é geralmente dada pelo contexto, de modo que ele teria consequências semelhantes ao que Fauconnier (1975) aponta para os superlativos em inglês.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 2, discutimos o estatuto de *chegar* como verbo auxiliar e argumentamos pela sua não inclusão na lista dos auxiliares terminativos. Na seção 3, propomos que *chegar* aponta para o grau mais alto de uma escala dada contextualmente. Finalmente, apresentamos nossas conclusões.

2. *CHEGAR* COMO VERBO AUXILIAR

Em Bertucci e Foltran (2006), já havíamos mostrado que *chegar* é um verdadeiro verbo auxiliar em construções como *chegar a + infinitivo*. No mesmo trabalho, apresentamos o teste da seleção de argumentos, baseado em Pontes (1973) e Perini (2001), os quais afirmam que os verbos auxiliares não influenciam na escolha de argumentos de uma sentença. Quem faz a seleção dos argumentos é o verbo principal. Isso fica claro nos exemplos (2), (3) e (4).

- (2) a. João leu.
b. João vai ler.
- (3) a. #A pedra leu.¹
b. #A pedra vai ler.
- (4) a. A pedra caiu.
b. A pedra vai cair.

Este é um critério conhecido como o da detematização. O verbo *ler* seleciona o argumento externo (sujeito) em (2) e é ele mesmo que impede a seleção

¹ Usaremos o sinal # para representar anomalia semântica.

de *a pedra* em (3). Se o auxiliar (*vai*) fosse o responsável pelo bloqueio, não permitiria a seleção de (4b). No entanto, como em (4a), a seleção de *a pedra* – em 4b – foi possível porque foi feita pelo verbo *cair*, o Núcleo do Predicado. Assim, entendemos que a presença de *vai* não mudou o critério de seleção, portanto o verbo *ir*, aí, funciona como auxiliar. Miotto *et al.* (2004) propõem o mesmo teste para a seleção argumental e afirmam que isso faz parte da restrição semântica (s-seleção) que um determinado núcleo faz com relação aos argumentos que coocorrem com ele na sentença.

Os testes com *chegar* demonstraram que ele não participa da seleção dos elementos que coocorrem na sentença. Isso fica por conta do verbo chamado principal.

- (5) a. A pedra chegou a rolar.
b. A pedra rolou.

- (6) a. #A pedra chegou a chorar.
b. #A pedra chorou.

As sentenças (5a-b) mostram que o argumento externo, mesmo inanimado, é aceito em uma sentença com *chegar*, pois a seleção desse argumento é feita pelo verbo principal, no caso, *rolar*. Pelo mesmo motivo, (6-a) não é aceita: o argumento, *a pedra*, não é compatível com *chorar*, que exige um ente, no mínimo, animado. Consequentemente, verificamos que *chegar*, como auxiliar, não interfere na seleção dos argumentos, que é feita pelo verbo principal.

Apontando evidências que comprovam que *chegar* não é uma auxiliar de voz, tempo ou modo, em Bertucci (2007) dedicamo-nos a analisar um pouco mais detalhadamente a questão aspectual. Isso porque Almeida (1980), cujo trabalho nos parece o mais completo sobre o auxiliar *chegar*, argumenta que esse verbo estaria na lista dos auxiliares que indicam o aspecto terminativo, como *acabar* ou *terminar*. No entanto, isso parece não ser verdadeiro.

Assim como Travaglia (1985), Almeida (1980) considera o aspecto terminativo como aquele que mostra a ação do verbo no infinitivo em seu término ou em seus momentos finais. Sendo assim, se considerarmos *chegar* um auxiliar de aspecto terminativo, devemos esperar que ele tenha o mesmo papel de outros dessa classe, como *terminar* ou *acabar*, e deve mostrar que a ação denotada pelo verbo principal está no fim ou já foi terminada. No entanto, quando comparamos sentenças com esses três verbos, percebemos que *chegar* claramente não é como *terminar* ou *acabar*. Observe os exemplos (7) a (9).

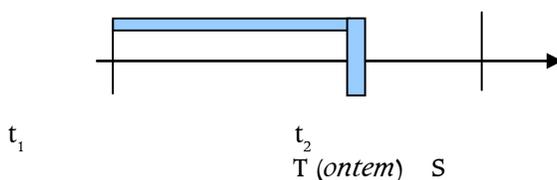
- (7) a. Maria terminou de escrever a carta.
b. Maria está terminando de escrever a carta.
- (8) a. Maria acabou de escrever a carta.
b. Maria está acabando de escrever a carta.
- (9) a. Maria chegou a escrever a carta.
b. *Maria está chegando a escrever a carta.

Em (7), *terminar* indica o momento final da ação do evento *escrever a carta* e *acabar* tem a mesma função em (8), por isso se fala em aspecto terminativo: expressão do fim, ou dos momentos finais de determinada ação. Na sentença em (9), porém, *chegar* não expressa o momento final da escrita da carta. O que ele sugere ali é algo que está além da sentença, como se *escrever a carta* fizesse parte de uma escala, e fosse o ponto mais alto atingido por Maria nessa dada escala (na seção 3, discutiremos essa expressão de escalaridade com detalhes). Além disso, quando utilizamos o progressivo para indicar os momentos finais da escrita, a sentença é gramatical com *terminar* (7b), com *acabar* (8b), mas não com *chegar* (9b).

O outro argumento a favor da não inclusão de *chegar* na classe dos auxiliares terminativos é com relação à função aspectual propriamente dita: um auxiliar terminativo tem a função de localizar o momento final do evento dentro de um momento de tópico, algo que *chegar* não é incumbido de fazer. (cf. Bertucci, 2010) Vamos explicar passo a passo essa ideia, partindo do trabalho de Portner (2005).

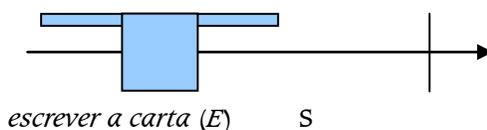
Portner (2005), seguindo a proposta de Reichenbach (1947), analisa o aspecto como uma relação entre o momento de tópico (T) e o momento do evento (E). E refere-se ao momento em que o evento ocorreu no tempo cronológico e T é “o momento sobre o qual o locutor está falando” (PORTNER, 2005, p. 143). O momento de fala (S) é o momento de pronunciamento da sentença, importante para se estabelecer o tempo linguístico da sentença. O gráfico em (10b) é uma ilustração do que ocorre em (10a).

- (10) a. João terminou/acabou de escrever a carta ontem.
b. *escrever a carta* (E)



A barra horizontal marca o evento (*escrever a carta*), t_1 o início e o t_2 o término desse evento. Observamos que t_2 coincide com T, o momento de tópico, e que o papel de *terminar* ou *acabar* em (10b) é justamente esse: localizar o momento final de E dentro do momento de tópico. Isso favorece a intuição que temos em (10a), de que possivelmente o evento tenha começado antes do momento de tópico (*ontem*) e apenas o final do evento se localiza em T. Compare (10) e (11) e observe que a ausência dos auxiliares, nos daria uma outra leitura. Observe (11a-b):

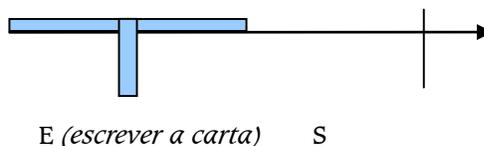
- (11) a. João escreveu a carta ontem.
b. *ontem* (T)



Em (11b), o momento do evento (E) é que está inserido no momento de tópico, ao contrário de (10b). Essa ilustração favorece a intuição de que em (11a), *ontem* não expressa apenas o momento de término do evento de escrever a carta, mas possivelmente todo o evento (início, meio e fim). Portanto, ao comparar (10) e (11), podemos entender claramente o papel de um auxiliar terminativo na sentença.

Novamente, cabe-nos verificar se *chegar* tem o mesmo papel de *terminar* e *acabar*, ou seja, se ele faz a mesma localização do momento final do evento dentro do momento de tópico. Observe o exemplo em (12a) e a ilustração em (12b).

- (12) a. João chegou a escrever a carta ontem.
b. T (*ontem*)



O que vemos em (12b) é que o momento do evento E (*escrever a carta*) está inserido no momento de tópico T (*ontem*). Como nós, o leitor percebe claramente que temos uma semelhança com o que acontece em (11), e exatamente o contrário do que ocorre com *terminar/acabar* em (10), fato que nos leva novamente a postular pela não inclusão de *chegar* no rol dos auxiliares que expressam aspecto terminativo.

Nesta seção, vimos bons argumentos tanto para postular *chegar* como um verbo auxiliar em PB, quanto para evitar classificá-lo como auxiliar terminativo. Na seção seguinte, apresentamos nossa proposta, discutida em detalhes em Bertucci (2007), sobre o papel desse verbo em contrações do tipo *chegar a+infinitivo*.

3. *CHEGAR* COMO UM OPERADOR DE ESCALA

Como já dissemos, *chegar* não se comporta como um verbo auxiliar clássico, por não se acomodar nas funções de significar tempo, voz, modo ou aspecto. Por isso, em Bertucci (2007) propusemos uma análise para esse verbo em sentenças do PB a partir de leituras sobre escalas (FAUCONNIER, 1975) e defendemos que esse verbo se comporta como um operador de escala nos contextos discutidos aqui.

3.1. ESCALAS PRAGMÁTICAS

Ao analisar o emprego dos superlativos, Fauconnier (1975) constata que alguns deles teriam um comportamento muito semelhante a um quantificador universal. Vejamos exemplos do autor.

(13) *The faintest* noise bothers my uncle.
'O menor/ mais baixo ruído incomoda meu tio'.

(14) He did not hear *the faintest* noise.
'Ele não ouviu o menor/ mais baixo ruído.'

Fauconnier (1975, p. 355) entende que, enquanto em (13) o superlativo *the faintest* 'o menor/mais baixo' funciona como um quantificador universal, em (14) ele é utilizado como um existencial negado. Nos dois casos, o superlativo estaria no lugar de *any* e teria as mesmas propriedades deste quantificador.

(15) *Any* noise bothers my uncle.
'Qualquer ruído incomoda meu tio'.

(16) He did not hear *any* noise.
'Ele não ouviu qualquer ruído'.

Fauconnier (*op. cit.*, p. 361) assume então que os superlativos expressam pontos mais altos ou mais baixos em uma *escala pragmática*. Por exemplo, para uma dimensão dada (ruído), haveria dois extremos (o mais alto – o mais baixo) e um elemento Y (meu tio/ ele) participando do predicado (incomodar). Além disso, entre os extremos, haveria pontos (x_1, x_2, x_3).

(17) Escala S

ponto mais alto
x_1
x_2
x_3
ponto mais baixo

A seguir, transcrevemos exatamente como o autor explica a escala acima:

Such propositional schemata have the general form $R(x, \dots)$. (The dots stand for possible additional free variables, such as y in x bothers y .) If x_2 is lower than x_1 on the scale S associated with $R(x, \dots)$, then $R(x_2, \dots)$ implies $R(x_1, \dots)$; thus, in particular if R holds for the lowest element on S , it holds for all elements of S (call this the scale principle) (FAUCONNIER, 1975, p. 362).

Fauconnier (1975) argumenta que o ponto mais baixo acarreta os demais. Assim, ao afirmarmos, em (13), que *meu tio* (elemento y na fórmula x incomoda y) se incomoda com o ruído (elemento x na mesma fórmula) mais baixo, nossa fala acarreta dizer que ele se incomoda com todos os outros ruídos que forem mais altos na escala S, a saber x_3 , que é um pouco mais alto, x_2 , que é mais alto ainda, com o x_1 , mais alto que os anteriores, até chegar ao ponto final e mais alto da escala. Nesse caso, portanto, os superlativos seriam responsáveis por serem elementos de maior informatividade: o elemento mais baixo na escala (que é o mais forte) informa mais que o elemento imediatamente acima dele e assim sucessivamente, sendo que o mais alto é o menos informativo. As diferentes tonalidades de sombreamento que colocamos na escala em (17) ajudam-nos a perceber o que Fauconnier (1975) diz a respeito dos elementos que compõem a escala: o elemento com tonalidade mais forte acarreta o outro com tonalidade mais fraca e a orientação da escala não é reversível.

O trabalho do autor tem uma relação com a questão da informatividade. O elemento mais baixo na escala (que é o mais forte) informa mais que o elemento imediatamente acima dele e assim sucessivamente, sendo que o mais alto é o menos informativo.

Vamos aplicar essa proposta de escalaridade ao auxiliar *chegar* e vamos levantar a hipótese de que esse verbo toma seu complemento infinitivo como o ponto mais informativo numa escala dada contextualmente. Se assim o for, esperamos que *chegar* funcione como o superlativo *the faintest* 'o menor/ mais baixo': ele deverá localizar o seu complemento no que Fauconnier chamou de ponto mais baixo (e mais informativo) e acarretar outros pontos na escala. Além disso, a escala não poderá ser reversível, ou seja, o elemento mais alto, não acarretará o elemento mais baixo. Vejamos como isso ocorre na sentença em (18)².

(18) Os vizinhos ficaram assustados com a briga e chegaram a chamar a polícia.

Nesse caso, o contexto apresenta dois elementos da escala: 1) os vizinhos ficaram assustados; 2) eles chamaram a polícia. Como o segundo elemento é mais informativo que o primeiro, ele é introduzido por *chegar*. Veja em (19) como podemos inserir esses elementos numa escala como a de Fauconnier.

(19) Escala *eventos relacionados aos vizinhos*

ficar assustados
X
chamar a polícia

Em (19), sugerimos uma escala em que o ponto mais informativo (*chamar a polícia*), aquele precedido por *chegar*, estivesse na base e acarretasse todos os outros na escala. Além disso, o fato dos moradores terem ficado assustados é um outro ponto na escala, mas o colocamos na parte mais alta da escala, porque ele é menos informativo que o primeiro. Um outro fato importante a ser notado: a escala não é reversível, ou seja, o ponto mais alto não acarreta os outros. De fato, o fato dos vizinhos terem ficado assustados, não acarreta que eles tenham chamado a polícia. Mas o contrário, é verdadeiro. Dessa forma, nossa expectativa de que *chegar* pudesse funcionar como um superlativo, na linha de Fauconnier (1975), foi suficientemente alcançada.

² A fim de facilitar a compreensão sobre o papel de *chegar*, vamos inserir as sentenças com esses verbos em contextos maiores, como em (17).

É preciso, no entanto, deixar claro que a informatividade não é dada pelo verbo *chegar*, mas pelo sintagma que o sucede, que é o ponto indicado por *chegar* como o mais informativo na escala. O trecho a seguir também é um bom exemplo sobre a informatividade. Aqui, ela é dada pelos números.

(20) José trabalha vendendo carros em São Paulo e já chegou a vender cem automóveis no mês.

Quando números são envolvidos, a escalaridade fica mais visível, já que podemos construir uma escala e colocar o número maior como o mais informativo, acarretando (necessariamente) os menores. É exatamente isso que temos em (21), a seguir.

(21) Escala *vender carros*

1 carro por mês
10 carros por mês
20 carros por mês
60 carros por mês
100 carros por mês

Em (21), na escala de *vender carros*, *100 carros por mês* é o ponto mais baixo e mais informativo. Nesse caso, se o ponto mais informativo se configura como verdade, podemos dizer que ele acarreta necessariamente os outros elementos da escala e nesse sentido é que dissemos que a escala numérica deixa a escalaridade mais visível. Novamente, não há reversibilidade na escala, de modo que o ponto mais alto não acarreta nenhum dos outros abaixo dele.

Além disso, o mais importante para a configuração da escala não é a ação de vender em si, mas sim o evento como um todo: **vender cem carros por mês**. Insistimos, por isso, que todo o sintagma (verbo principal, complementos e adjuntos) posterior ao verbo auxiliar é responsável por marcar o ponto na escala. Por esse exemplo, é possível afastar a ideia de que é *chegar* que dá mais ou menos informatividade em uma sentença. O que ele faz é indicar um ponto na escala. Os pontos, as informações são todos dados por outros itens.

Finalmente, gostaríamos de discutir o exemplo em (22). Construções com *chegar a + infinitivo* seguidas de uma proposição adversativa (com

mas, *porém* e outras conjunções) são bastante frequentes em PB. Apesar dessa frequência, nossa hipótese é de que a proposição adversativa não influencia na construção da escala. E é isso que parece ocorrer em (22) e (23) a seguir. Para demonstrar nossa análise, imaginemos um contexto em que José utilizou todos os argumentos para receber o perdão de Maria. Em seguida, alguém diz:

(22) José chegou a pedir perdão de joelhos, mas ela não o perdoou.

A escala, como sabemos, é definida pelo contexto, e neste caso ela é dada pelas atitudes de José para tentar ser perdoado por Maria; o ponto mais baixo, mais informativo é *pedir perdão de joelhos*. Dessa forma, a escala de (22) é dada em (23), a seguir.

(23) Escala *atitudes de José*

ponto mais baixo
x_1
x_2
x_3
<i>pedir perdão de joelhos</i>

Percebemos que a proposição *mas ela não o perdoou* não está em jogo na construção da escala, que é formada basicamente pelo contexto e tem seu ponto mais informativo no complemento de *chegar*, i.e., *pedir perdão de joelhos*. De fato, a escala e suas implicações seriam mantidas, mesmo num contexto em que Maria tivesse perdoado o João, como dado pela sentença em (24):

(24) José chegou a pedir perdão de joelhos. Maria o perdoou.

Os exemplos discutidos nesta seção argumentam a favor da nossa hipótese de que *chegar* funcionaria como um operador de escalaridade, selecionando um evento e marcando-o na base da escala. Um fator muito interessante que surge nesse ponto é a negação: seu papel é inverter a posição do evento marcado como base na escala, ou seja, esse evento passaria a ficar no topo e seria o menos informativo. Se *chegar* for mesmo um operador que indica o ponto mais informativo na escala, esperamos que a negação em sentenças com *chegar* inverta o ponto que na sentença afirmativa era o

menos informativo e o coloque como o ponto mais informativo na sentença negativa, de modo que a função de *chegar* estaria preservada, mesmo nas sentenças negativas. Na seção seguinte, veremos como a negação se aplica à sentenças com *chegar*.

3.2. A NEGAÇÃO

Uma abordagem interessante feita por Fauconnier (1975) é com relação à negação das sentenças em que há os superlativos. Para o autor, se um determinado superlativo está no ponto mais alto ou mais baixo da tabela a negação fará com que ele tome a posição extremamente inversa na escala, conforme podemos observar em (25).

(25) The loudest noise doesn't bother my uncle.
'O mais alto ruído não incomoda meu tio'.

Se for verdade que o ruído mais alto não incomoda meu tio, somos levados a concluir que um ruído um pouco mais baixo também não o incomodaria e o mais baixo ruído possível também não, de modo que a escala da negação (*não incomodar*) poderia ser dada em (26), em que *o ruído mais alto* estaria na base e acarretaria os elementos acima dele.

(26) Escala S – negação

ponto mais baixo
x_3
x_2
x_1
ponto mais alto

Fauconnier (1975) afirma que essa possibilidade de derivar uma sentença da outra vem do fato de a escala ter subpartes em que há acarretamento, em que os elementos mais informativos (que estão na base ou mais próximos dela) acarretam os menos informativos (os que estão no topo ou mais próximos dele).

Como dissemos, *chegar* é um operador de escalaridade, que aponta para o elemento mais informativo dessa escala. Esperamos, portanto que, ao negarmos as sentenças com *chegar* ele se comporte como os superlativos negados, ou seja, que ele continue apontando para o ponto mais informativo, mas nesse caso, o elemento que seria o menos informativo na sentença afir-

mativa, será o mais informativo na sentença negativa. Compare a sentença (18), repetida a seguir, com (27).

(18) Os vizinhos ficaram assustados com a briga e chegaram a chamar a polícia.

(27) Os vizinhos não chegaram a ficar assustados com a briga, nem chamaram a polícia.

Enquanto em (18), o ponto mais informativo é *chamar a polícia*, que acarreta o ponto menos informativo (*ficar assustados*), em (27), o ponto mais informativo é *não ficar assustados*, que acarreta o menos informativo *nem chamaram a polícia*. Assim, percebemos que *chegar* de fato se comporta de maneira parecida com os superlativos na negação. Poderíamos acrescentar ainda que a negação com o auxiliar *chegar* sugere que o sujeito não atingiu o ponto mínimo da escala. No exemplo a seguir (28), trecho de um artigo escrito por José Paulo Paes, essa ideia fica bastante clara.

(28) O principal da língua é a capacidade de expressão, de construir pensamentos e de transmiti-los, fazendo-os inteligíveis. Esta capacidade é que está se perdendo progressivamente. A gente conversa com um jovem e vê que o falar é interrompido a todo o momento. Muitas vezes ele não chega a completar a frase. (José Paulo Paes)

Nessa sentença, a discussão é sobre a perda da capacidade de uso da língua de acordo com a concepção de José Paulo Paes. Ele considera que o ponto mais alto da língua – que acarreta outros – *é a capacidade de expressão, de construir pensamentos e de transmiti-los, fazendo-os inteligíveis*. O ponto mínimo é *completar a frase*. A seguir, mostramos duas escalas: (29a), uma escala afirmativa dos pontos dados em (28), e (29b), uma escala baseada na negação *não chega...* em (28). V de fato a negação inverte os valores, mas *chegar* continua apontando para o trecho mais informativo.

(29)

a) **Afirmação**

x_3 (ponto mais baixo)	completar a frase
x_2	falar não é interrompido
x_1 (ponto mais alto)	construir e transmitir pensamentos

b) **Negação**

x_1 (ponto mais baixo)	não construir e transmitir pensamentos
x_2	falar é interrompido
x_3 (ponto mais alto)	não completar a frase

Observe que x_1 é o ponto mais informativo na afirmação e acarreta os outros pontos na escala, inclusive x_3 , o ponto menos informativo. Por outro lado, na negação, eles mudam de posição e é isso que temos em (28), pois quando diz que “[o jovem] *não chega a completar a frase*”, José Paulo Paes consequentemente afirma que o jovem tem sua fala interrompida e não consegue construir e transmitir pensamentos (como deveria, claro). Vale ressaltar, ainda, que a escala continua não sendo reversível também na negação, ou seja, o ponto mais alto não acarreta os mais baixos.

Nesta seção, utilizamos a negação como mais um argumento a favor de nossa proposta para a interpretação de *chegar* como um operador de escalaridade nos contextos em que é verbo auxiliar em PB. A seguir, apresentamos nossas conclusões.

4. CONCLUSÃO

Neste trabalho, mostramos que *chegar* comporta-se perfeitamente como um verbo auxiliar, seguindo uma série de critérios utilizados para uma classificação assim. Concordamos com as considerações de Almeida (1980) e Neves (2000), quando deixam implícita a ideia de que *chegar* não pode ser um auxiliar temporal ou modal, mas discordamos desses mesmos autores, quando inserem tal verbo na lista dos auxiliares aspectuais, muito menos a ideia de ter um valor aspectual terminativo.

Na verdade, se houver uma contribuição desse auxiliar na expressão aspectual da sentença, o que ainda é parte de nossas pesquisas atuais, ela não se esgota aí e este trabalho procurou esclarecer isso.

Partindo das análises de Fauconnier (1975), pudemos observar que *chegar* tem a função de operar sobre uma escala, antecedendo sempre um evento que, na sentença, é sempre o mais informativo. Isso fez com que conseguíssemos dizer que um auxiliar influencia não no tempo, no modo ou no aspecto, mas no uso da sentença como um todo. Além disso, mostramos o importante papel da negação na inversão da escala pragmática em sentenças com o auxiliar *chegar*.

RESUMO

Neste trabalho, defendo que *chegar* é um verbo auxiliar quando seguido da preposição *a* e de um verbo no infinitivo em português brasileiro (PB), assim como fazem Almeida (1980)

e Neves (2000). Esses autores dizem que *chegar* é um auxiliar aspectual. Em Bertucci (2007), defendi a classificação ao de *chegar* como verbo auxiliar, mas foi contrário à ideia de que *chegar* carrega um valor terminativo, tal qual observamos nos auxiliares *acabar* e *terminar*. No presente trabalho, primeiro mostro alguns argumentos para confirmar a auxiliaridade de *chegar*; depois, apresento como o trabalho de Fauconnier (1975) pode nos ajudar a entender o verbo *chegar* em português brasileiro, sob o ponto de vista da escalaridade.

Palavras-chave: *Aspecto; auxiliaridade; predicados escalares.*

ABSTRACT

In this work, I defend that *chegar* is an auxiliary verb when followed by the preposition *a* and an infinitive verb in Brazilian Portuguese (PB), such as Almeida (1980) and Neves (2000) do. These authors say that *chegar* is an aspectual auxiliary verb. In Bertucci (2007), I argued for its classification as auxiliary verb, but against the idea that it expresses a terminative value, such as we notice in the auxiliaries *acabar* and *terminar*. In the present work, first I show some arguments to confirm the auxiliaryity of the *chegar*; after that I present how Fauconnier's (1975) work can help us to understand the verb *chegar* in Brazilian Portuguese, under the point of view of the scalarity.

Keywords: *Aspect; auxiliaryity; scalar predicates.*

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. Assis: ILHPA – Hucitec, 1980.

BERTUCCI, R. A. A auxiliaridade do verbo chegar em português brasileiro. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

BERTUCCI, R. Aspecto terminativo: verbos auxiliares em português brasileiro. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 12, n. 1, p. 41-58, 2010.

_____; FOLTRAN, M. J. O verbo *chegar* como auxiliar no português brasileiro. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 36, n. 1. p. 162-170, 2006.

FAUCONNIER, G. Pragmatics scales and logical structure. *Linguistic Inquiry*, v. 6, n. 3. p. 353-375, 1975.

LONGO, Beatriz de O.; CAMPOS, Odette de S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs). *Gramática do Português Falado*, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

LUFT, C. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 2003.

MIOTTO, C.; FIGUEIREDO, M. C.; LOPES, R. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

PERINI, M. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

PONTES, E. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

PORTNER, P. *What is meaning? Fundamentals of Formal Semantics*. Oxford: Blackwell, 2005.

REICHENBACH, Hans. *The tenses of verbs*. In: _____. (Ed.). *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947. p. 287-298.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

Submetido em 13/04/2010

Aceito em 16/06/2010